

# PROJETO ALEGORIAS DO BRASIL

## programa 8

### ALEGRIA É A PROVA DOS 9

#### **Fred Coelho [Historiador]**

A ideia de alegria colocou no brasileiro. Se a gente está falando de clichês esse talvez seja o mais incontornável quando você sai do país, a expectativa de que um brasileiro naturalmente trará o sol, a alegria, a felicidade, a descontração, o hedonismo, e a famosa frase que para mim é um mistério que é: “A alegria é a prova dos 9”, eu acho que tem muita ligação com a seguinte perspectiva: não fomos obrigados a nos formar dentro do paradigma civilizatório europeu.

#### **Muniz Sodré [Sociólogo]**

Mas por que que alegria é a prova dos 9? Isso é interessante dizer porque que se isso foi a intenção de Oswald, que a prova dos 9 é aquela prova que em aritmética você reduz tudo a zero, né, você vai fazendo a redução a zero, o, o que sobra, e a alegria ela é uma redução a zero de todos os pesos que você tem, a alegria extermina as causas, ela é sem causa, portanto, ela extermina o princípio da causalidade, ela não precisa da relação de causa e efeito para existir.

#### **Eduardo Jardim [Filósofo]**

A alegria a prova dos 9 que aparece no Manifesto Antropófago é uma ideia do Graça Aranha que é o cara que inspira a doutrina modernista e isso não é muito frequentemente reconhecido e, sobretudo, inspira a doutrina modernista na vertente em que está o Oswald de Andrade. Por que que a alegria é a prova dos 9 isso está explicado na Estética da Vida lá do Graça Aranha, porque na Estética da Vida ele sugere que o brasileiro faça uma série de trabalhos de integrar-se ao cosmos e essa integração do eu no cosmos ela é experimentada num estado de maravilhamento, numa experiência de total alegria. E então é o Graça Aranha que está falando de um ponto de vista

metafísico, né, da integração do homem no cosmos superando um... O medo e o terror diante de uma realidade agressiva, difícil, brasileira, ele vai dizer: “Ao invés do homem brasileiro ter medo da sua natureza, ter medo das suas origens negras, indígenas ele precisa integrar essas coisas todas na sua personalidade e você vai ver só, vai viver uma experiência de intensa alegria”.

### **Fred Coelho [Historiador]**

Como não ser alegre nessa terra de águas cristalinas, de mulheres lindas, de homens bravos de peito nu, abertos, correndo pela floresta, enforcando onças, derrubando árvores como Peri para fazer uma bela canoa colocar Ceci e navegar pelo rio em direção ao horizonte da fundação de uma nova civilização! Como não ser alegre, né, num país em que basicamente os escravos não reclamam, trabalham felizes porque na hora do intervalo lá no fim de semana fazem o seu batuque, comem a sua feijoada que é uma mentira porque não era o prato deles também, outro clichê mentiroso no Brasil. Então você começa a construir alegorias em cima de uma perspectiva de que essa civilização tem que ser feliz, famosa frase do Maiakovski que dizem que: “Há um homem feliz em algum lugar do mundo parece que é no Brasil”, a frase não é exatamente essa mas é isso que o Maiakovski fala, por que? Por que o homem feliz está no Brasil? Agora, pergunta para um brasileiro se a alegria é a prova dos 9!

### **Marilena Chaui [Filósofa]**

Dizer que o povo brasileiro é alegre tudo bem não tenho nada contra, duvido, duvido, você pode ter essa imagem, imagem para exportação, né, carnaval, futebol, o café, a morena, a mulata, o racismo, portanto, tudo isso é exportado do povo alegre, cordial, ordeiro e não violento, isso é uma imagem e frequentemente é uma mitologia. Mas eu não vou negar que a paixão da alegria exista e que ela funciona junto com a da tristeza, né. O que eu me pergunto é se nós podemos dizer que a essência do povo brasileiro é a alegria na medida em que a essência exige que a alegria tenha uma causa interna da qual eu sou autora consciente.

### **Muniz Sodré [Sociólogo]**

Essa palavra digamos alegria no latim... Vem do latim alacer. Esse ala é asa, acer é outra maneira de dizer ager que é terra, né, então alacer da... Que é um adjetivo da ala cris, ala fe... Ala cris que dá alacridade, que é a mesma coisa que alegria, ser alacre, ser

alegre, a palavra vem daí, é a mesma coisa. Então o que é ser alegre, o que que é ser alacre? É você se desprender das amarras que você tem na terra, a terra aí simbolizando essa amarra, isso que lhe prende, você se desprende por asas, por ala, e se desprende você vai na, na... Nos, nos ares, nos céus e se vai muito alto você encontra o movimento das nuvens que em latim esse movimento das nuvens se chama hilaritas. Quando as nuvens estão se deslocando o latim chama isso de hilarita, daí você tem a palavra hilaridade, né, que é o riso. Então é esse desprendimento e essas amarras que é a alegria, só que isso não precisa de causa, a alegria é só efeito ela não é causa e ela não tem também nenhum... Nenhuma derivada nem contínuas, ela não tinha obrigação com a continuidade nem com a derivação, ela pode ser um instante, um momento, como é uma estrela que cai ali e gera energia é isso a alegria, e ela não precisa do riso sequer ela pode ser riso, ela pode ser séria, mas é essa elevação, é esse se desprender das amarras.

### **Francisco Bosco [Ensaísta e crítico da cultura]**

Sobre a alegria ou a tristeza do povo brasileiro acho muito difícil não, não remeter isso à questão da produtividade, eu acho que... E aí a, a matriz é inevitavelmente freudiana. O regime civilizatório altamente produtivista ele necessariamente implica um mal-estar pulsional, não é, porque a energia pulsional que seria liberada no sentido de prazer ela é abafada e submetida aos interesses sociais de produtividade. O Brasil na medida que na sua formação não teve esse traço, durante a sua formação, de produtividade tão acentuado como outras civilizações a alegria emerge como esse contraponto da produtividade. A produtividade ela é triste, ela gera consequências de bem-estar, de conforto, de desenvolvimento técnico, etc. e tal, mas os efeitos imediatos dela sob as pulsões, sob as pulsões são efeitos tristes. Então a, a alegria brasileira durante a nossa formação seria esse contraponto da precariedade técnica, social, institucional do país.

### **Heloísa Starling [Historiadora]**

Mesmo que você pegue o carnaval, mesmo que você pegue as alegorias das escolas de samba elas trazem um travo que se nós olharmos dói, né, alguma coisa dói, porque senão nós somos bobo, entendeu, é porque o movimento é oco, a alegria pela alegria qual é a substância dessa alegria, o que que é que ela está colocando.

### **Bia Lessa [Diretora de Teatro]**

Nunca consegui dar um passo a frente que não fosse vestido no momento da alegria, eu acho que... Alegria é o que é de fato transformador, e nesse sentido daí a gente volta na coisa do brasileiro que tem uma coisa extraordinária. Alegria é uma invenção, eu acho, né, como é que... É uma invenção de uma superação de algo, porque se a gente for ver a vida é repleta de dor e de amargura, e de dificuldades de pessoas que, que são... Alegria já é um ato de superação já é uma revolução, talvez.

### **Silviano Santiago [Escritor e ensaísta]**

E eu tendo a querer ver, tendo a querer ver na alegria brasileira, na alegria dos estádios cheios e aquelas explosões, eu tendo a ver um espetáculo grego dionisíaco, entende? É a própria dor que se transmuta em felicidade coletiva. É impressionante, isso parece que é *ipsis litteris* Nietzsche quando ele diz que a própria dor é uma felicidade, a própria dor é uma felicidade e isso, e que você é capaz de tirar a felicidade da pior experiência de vida que você tem que é a dor. Essa transmutação de valores é nítida em Nietzsche quando ele diz que: “A alegria é o duplo sim à vida”.

### **Auterives Maciel [Filósofo]**

O Brasil é, é uma nação que não deu certo, é uma, uma nação degradada enquanto Estado/nação, mas se pensarmos o povo brasileiro há nele uma potência sim inegável, há nele uma reserva de alegria que talvez os outros povos não tenham mais, e essa alegria no Brasil existe e corre o risco de acabar porque a partir de um determinado momento a depressão começa a normatizar tudo e tudo que a gente fez de diferente acaba sendo, olha só, transmutado em patologia como se a esperteza do brasileiro de uma hora para outra se tornasse uma doença, e o brasileiro para ser bom tem que se corrigir e tentar imitar um padrão normativo europeu para poder ser aceito como um Estado/nação.

### **Antonio Risério [Antropólogo]**

As pessoas falam da alegria brasileira e ainda tem o livro do Paulo Prado que divide o Brasi... O mundo em países tristes e países alegres. Isso é uma bobagem. Alegria e tristeza existem planetariamente dentro de cada um de nós, existem russos alegres bebendo vodca, festas maravilhosas e alegres no mundo inteiro. Então, o que você tem que dizer não é que o Brasil é um país alegre, é... A gente tem que pensar o que é a alegria brasileira. Primeiro lugar, essa, essa alegria brasileira ela é indissociável

da, da encruzilhada cultural em que a gente vive, em que a gente se formou, ela é indissociável de nossa formação genética, do retrato que nós fazemos de nós mesmos, do modo como, como a gente se vê e com o mundo vê a gente. Quando eu falo em termos genéticos é que a alegria brasileira se manifesta num corpo mestiço específico, nesse corpo que foi... Que tem uma, uma presença forte de formação africana, esse corpo ele se manifesta fisicamente só alegria numa sociedade que, que é paradoxal também nisso, uma sociedade que é hierárquica, mas ao mesmo tempo é informal, e isso tudo vem dar no terceiro aspecto que é o gregarismo. Alegria brasileira não, não parece nunca ter sido feita para acontecer entre quatro paredes, alegria brasileira é feita para tribo, para turma, para rua, para o ar livre, então você pode começar a discutir uma singularidade brasileira no campo da alegria sabendo que a alegria é universal e não uma especificidade nossa de que nossa alegria é mestiça, tropical, informal e gregária.

### **Ynaê Lopes dos Santos [Historiadora]**

Essa vivacidade ou essa alegria oriunda tanto dessa matriz africana quanto da forma como esses africanos e seus ascendentes se ressignificam num mundo escravista, né, principalmente nos espaços públicos. Então, o espaço público é um espaço em que esses africanos escravos e de... E também libertos e os crioulos livres e escravos também podem se reinventar.

### **Thula Pires [Direito Constitucional]**

E se a gente pensa numa questão de uma alegria gregária a gente pode encontrar algum tipo de respaldo em determinadas formas culturais no continente que está relacionadas, por exemplo, à ideia de ubuntu, não é, que só sou eu no nós, né, que só faz sentido pensar no bem comum se todo mundo tiver bem, né. Então a gente tem alg... Hoje em dia quando a gente tenta disputar e retomar essa reconexão de entender essa herança a gente consegue encontrar alguns elementos que podem, né, fazer sentido à noção de alegria.

### **Luiz Antônio Simas [Historiador]**

Alegria num sentido mais próximo ao que a gente chamaria de epifania mesmo, né, uma sensação de integração com o todo, com o mistério e tal se estabelece na corporeidade, é o corpo que dança, e muitas vezes como a gente não tem essa concepção, como a gente desconhece essas visões e saberes de mundo a gente tem a

impressão que o corpo que dança e se alegra numa situação de precariedade, né, é um corpo alienado, é um corpo desqualificado, né, é um corpo irresponsável, é um corpo que não dá conta de sua própria situação de exploração quando é o contrário!

### **Muniz Sodré [Sociólogo]**

Entender a movimentação dos corpos na sociedade brasileira, se quiser entender, um dos caminhos, não quer dizer que seja o... É verificar como é que os corpos se constituem misticamente no culto afro. O samba se define, o que faz o samba diferente de uma valsa, o samba diferente de qualquer outro gênero musical é que para mim exu está no samba, e Exu está no samba por que? Porque o que faz um samba samba mesmo é um tempo que está presente ali mas não é marcado é a sincopa no samba, você marca um tempo o outro está ali mas você não marca, você tem uma quebra, retoma o outro tempo. É nessa quebra onde o tempo está presente mas não é marcado o que entra é o corpo e entra para que? Para dançar.

### **Luiz Antônio Simas [Historiador]**

A rítmica africana, centro africana, ela se fundamenta num compasso binário com síncope, né, então de uma forma muito simples o, o samba tem um tempo fa... Fraco e um tempo forte: “Tum, tum, tum, tum, tum”, entre um tempo e outro você preenche aquilo com ritmo sincopado: “Tchequitum. Ticundum, chiquetum, escundum”. O que subverte completamente a lógica da dança ocidental e da própria música atonal ocidental é que o corpo africano, o corpo que dança, o corpo que samba ele não responde ao tempo fraco ou ao tempo forte, ele não samba no tum ou no tum ele preenche com o corpo o espaço vazio que existe entre o tum e o outro, né, é no improvisado, é no imprevisto, é ali que aquilo se manifesta. E há um provérbio que eu acho fascinante da sabedoria iorubá, né, que diz o seguinte: “Mesmo que às vezes, né, o pensamento esteja triste o corpo se alegre”.

### **Muniz Sodré [Sociólogo]**

É um afeto assim ali que contamina de certo modo, que se espalha por vários ambientes, várias manifestações da cultura popular, é a única defesa, arte-corporal de defesa onde você... Que você pratica alegre, a capoeira. Se você fala com os velhos capoeiristas da Bahia, e não precisa tão velhos quanto o próprio Camisa que foi de meu tempo, ele fala do... Da fome que sentia, da alegria que sentia quando chegava perto do

terreiro que Bimba já tinha começado e estava tocando berimbau ace... A pressa que ele subia as escadas, entrava, todos nós estravamos para poder entrar na roda e jogar, não era para bater em ninguém era para estar alegre.

### **Silviano Santiago [Escritor e ensaísta]**

Não é gratuito, por exemplo, que a dança e a música popular sejam tão importantes no Brasil, porque elas são manifestações corporais e aí, é claro, entraria o carnaval, Brasil é o país do carnaval.

### **Bia Lessa [Diretora de Teatro]**

São tantos carnavais que eu acho que é bacana assim em, em primeira instância do carnaval é essa coisa de uma festa coletiva, para-se tudo, liga-se o foda-se geral e são, sei lá, uma semana de, de catarse. Vai chegando carnaval é a coisa mais linda, porque sai todo mundo com aquelas co... Cada um... A coisa da inversão dos papéis de um ser isso, do outro ser aquilo. Eu acho carnaval uma coisa no mínimo necessária, salutar, ninguém daria conta disso tudo, eu acho, se não tivesse o carnaval.

### **Fred Coelho [Historiador]**

Isso também causou um grande mal para o Brasil, eu acho, que foi essa perspectiva de que qualquer contraponto à alegria é uma espécie de um corta onda, de uma opressão a um, a um espírito natural brasileiro de ser alegre. É só você pegar por exemplo e entrevistar aqui um brasileiro que não gosta de carnaval para você ver como esse ser humano vai se sentir, vai ter que se justificar, inventar justificativas para dar conta do por que. Um país que cria lemas como: “Quem não gosta de samba bom sujeito não é!”, sujeito! “É ruim da cabeça ou é doente do pé”. O cara tem uma doença congênita, o cara é um incapaz motor, de dançar, ele não pode simplesmente não gostar do samba porque isso não é um dado natural. Óbvio que eu estou falando aqui mais uma vez já que o programa fala de clichês são esses os clichês que nos perpassam o tempo inteiro.

### **Maria Augusta Fonseca [Literatura Comparada]**

O brasileiro reage, ele reage com alegria, a reação dele muitas vezes de alegria, mas é um passo, do meu ponto de vista, é um passo abrupto entre a melancolia e a extrema euforia, né, senão a gente faria uma revolução a cada carnaval.

### **Ismael Xavier [Crítico de cinema e ensaísta]**

Você tem certas figuras que passam a ser personificações, né, no sentido alegórico, de, de um suposto caráter dominante do brasileiro, povo alegre ou povo triste, tem vários, né, tem muitos que caminham na direção da tristeza. Por exemplo, Paulo Prado, a história da tristeza brasileira, três raças tristes, né, então ele pegou o, o europeu branco, o africano e, e o aborígine, o índio, o ameríndio como três, não sei, ele formulou todo lá um... Uma, uma série o... De teorias para trabalhar com essa ideia da tristeza e até tem... Você tem interessantes maneiras de trabalhar com essa relação alegria e tristeza como você encontra, por exemplo, em formulações de próprios compositores e tem o caso do Caetano que tem uma frase que eu acho que sintetiza muito isso, né: “O samba que é filho da dor e pai do prazer”.

### **Heloísa Starling [Historiadora]**

Tem uma coisa bonita. O, o Olavo Bilac quando ele fala da canção popular ele tem um poema muito bonito em que ele vai definir a canção popular, ele fala que a nossa canção é a flor amorosa de três raças tristes, né. É, é muito lindo esse poema dele, e que eu... E que depois Caetano e Gil retomam, né, a, a tristeza é senhora quando eles estão falando desde que o samba é samba, né. É interessante que naquilo que a gente vê como a manifestação mais escancarada do que seria a alegria do brasileiro, na verdade o que os poetas estão nos dizendo é que é a flor amorosa das raças tristes ou a tristeza é senhora.

### **Renato Lessa [Filósofo político]**

Paulo Prado que escreve um livro sobre a tristeza brasileira e ele começa com uma frase genial: “Numa terra radiante vive um povo triste”, e é do Brasil como povo triste, e a tristeza brasileira ela teria sido provocada pelo um século de grande fastio, quer dizer, um saco de grande hedonismo e, e explosão descontrolada do prazer, quer dizer, os portugueses teriam chegado no Brasil e teriam na verdade participado de um grande festival hedonístico com a descoberta da natureza, descoberta dos corpos, né, e, e essa grande, digamos assim, essa grande explosão de... Do desejo da... Das pulsões teria che... Teria, teria produzido uma... Um tal, um tal excesso de satisfação e depois os séculos seguintes seriam séculos de, de, de um certo enfado, né, e a tristeza seria, portanto uma, uma característica de um passado hedonístico perdido e de uma

rotinização na vida colonial que era medíocre, que era pequena, né. Interessante essa, essa ideia do Paulo Prado porque ele ajudou a, a, a por essa... A inocular na gente essa ficção de que nós tivemos um, um passado, um passado edênico, né.

### **João Cezar de Castro Rocha [Ensaísta]**

A alegria brasileira é uma invenção recente. Todos aqueles que dizem que a alegria está na mar... Nas origens da sociedade brasileira isso é um equívoco histórico profundo. A alegria como uma possibilidade de compreensão do Brasil nasce com o Modernismo, nasce com a irreverência de 1922 e é consagrada no romance *Macunaíma* de 28 e no Manifesto Antropófago. “A alegria é prova dos 9”, diz Oswald de Andrade. É importantíssimo porque até então considerava-se que a melancolia seria o polo dominante da cultura brasileira e por que? Porque se atribuía à miscigenação um valor fundamentalmente negativo e como o país era um país miscigenado não poderia surgir alegria da negatividade, transformar a miscigenação em dado positivo principia com o modernismo, está no *Macunaíma*, está na frase: “Alegria é a prova dos 9”, e somente vai explodir de maneira definitiva cinco anos depois quando Gilberto Freyre publica *Casa Grande e Senzala*. A partir desse momento a oscilação entre a alegria e a tristeza será uma marca da cultura brasileira.